

## **Comunicação, Territorialidades e Perspectivas de Jornalismo Cultural em Mato Grosso<sup>1</sup>**

Maria Clara de Oliveira Mendes CABRAL<sup>2</sup>  
Mikhail Barros e FA VALESSA<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

### **RESUMO**

Esse resumo propõe reflexões sobre as territorialidades no jornalismo cultural em Mato Grosso a partir da análise de relatos dos comunicadores Antonio Costa e Marianna Marimon sobre suas práticas jornalistas nos sites Zakinews<sup>4</sup> e Cidadã(o) Cultura<sup>5</sup>, respectivamente, cuja produção se ancora nas cidades de Cáceres e Cuiabá. Os depoimentos foram obtidos em roda de conversa realizada no âmbito da disciplina “Comunicação e Territorialidades”, ofertada remotamente por seis programas de pós-graduação em Comunicação em 2021 das cinco regiões brasileiras, e registrados no 45º episódio do podcast PapoCom<sup>6</sup> Comunicação e Territorialidades (Centro-Oeste). Ao caracterizar tais iniciativas como expressões do jornalismo cultural, tensionamos as concepções sobre o segmento no contexto dos grandes centros, considerando a realidade de territórios periféricos ao circuito brasileiro de produção jornalística e cultural. Apesar de não se autodenominar como um veículo de jornalismo cultural, o Zakinews é um site de notícias que tem a cultura local como tema central em sua produção autoral, especificamente na editoria *Memórias e Histórias*. Já o site Cidadã(o) Cultura, especializado em produções artístico-culturais, mesmo não sendo apenas de âmbito local, é idealizado por jornalistas que localizam sua atuação no cenário do jornalismo cultural mato-grossense. Tratamos territorialidades como “conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional sociedade-espaco-tempo”, de modo que “a apropriação e o uso de um espaço por parte dos atores promovem processos de *territorialização* (RAFFESTIN, 1993 apud ZANETTI; REIS, 2017, p. 10, grifos nossos). Consideramos

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 8 a 10 de junho de 2022.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso, jornalista graduada pela UFMT, email: deoliveiramclara@gmail.com.

<sup>3</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso, jornalista graduado pela UFMT, email: mikhaifavalessa@gmail.com.

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://www.zakinews.com.br/>>. Acesso em: 27/04/2022.

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://www.cidadaocultura.com.br/>>. Acesso em: 27/04/2022.

<sup>6</sup> Os episódios do podcast PapoCom podem ser acessados no Spotify. Disponível em:

<[https://open.spotify.com/episode/20358dKECjwFjog0Pl6tf0?si=klLY28b2RNqJwihIfM3-ng&dl\\_branch=1](https://open.spotify.com/episode/20358dKECjwFjog0Pl6tf0?si=klLY28b2RNqJwihIfM3-ng&dl_branch=1)>. Acesso em: 16/06/2021.

que “o território pode ser concebido a partir da imbricação de múltiplas relações de poder, do poder mais material das relações econômico-políticas ao poder mais simbólico das relações de ordem mais estritamente cultural (HAESBAERT, 2006 apud ZANETTI; REIS, 2017, p. 15). Nesse processo, os meios de comunicação são capazes de estabelecer diferentes territorialidades no modo como a informação é produzida e posta em circulação num determinado contexto social (ZANETTI; REIS, 2017). Nosso objetivo é, portanto, identificar nos relatos de Costa e Marimon marcas de territorialidades nas significações atribuídas ao conceito de cultura e ao fazer jornalístico, diante das especificidades dos meios digitais. A pergunta que nos guia é: o que revelam os discursos dos sujeitos sobre as disputas simbólicas em torno do jornalismo cultural mato-grossense? A partir da observação de pautas e fontes na produção e, principalmente, nos discursos de seus realizadores dos veículos, notamos que as concepções de cultura que regem tais coberturas se diferenciam entre si: no Zakinews, a noção de cultura é ampla e está atrelada a elementos que compõem a história da cidade – incorporados ou não à História oficial – , que se mantêm na memória da população, na oralidade, na materialidade de monumentos e em perfis notáveis; já no Cidadão Cultura, a cultura aparece na produção de artistas independentes, bem como em seus processos criativos e nas suas visões críticas de mundo. Com relação ao fazer jornalístico/comunicacional, Costa destaca no Zakinews a missão de “garimpar preciosidades da rica vida da cidade e do seu povo, servindo como fonte de pesquisa da cultura local” (PAPOCOM, 2021). Corroborando com tal discurso, nota-se logo na capa do site, o lema “marcando a História”. As territorialidades aparecem nos relatos de Costa em uma proposta de interação e intervenção no território e na tentativa de expansão das experiências da cultura local por diferentes espaços e tempos em um espaço/repositório virtual. Zanetti e Reis (2017) destacam que “a emergência da internet e das tecnologias digitais, com toda a sua potência e capacidade de perfurar as barreiras simbólicas ou materiais, desvelam novas experiências espaciais e territoriais” (ZANETTI; REIS, 2017, p. 14). Percebe-se a intensificação do que Firmino e Duarte (2008, s/n) denominam como “espaço ampliado” pelas tecnologias digitais, “com seus dados, informações e todos os tipos de fluxos que, de maneira invisível, povoam lugares e espaços”. Identificamos os mesmos indícios de territorialização nos discursos de Marianna Marimon, que descreve o Cidadão Cultura como uma “plataforma de mapeamento da produção artística de Mato Grosso” e afirma que a iniciativa busca conectar essa produção “ao que está acontecendo no Brasil e no mundo” (PAPOCOM,

2021). Apesar do enfoque no local, a jornalista, que atualmente reside em São Paulo, ressalta que não se trata de um veículo somente *de* ou *para* Mato Grosso, mas uma ferramenta capaz de se comunicar com qualquer lugar a partir das pontes criadas pelos colaboradores. Ainda sobre as práticas do Zakinews, quando localiza seu trabalho no cenário da imprensa mato-grossense, Costa diz que aproveita “fatias” disponíveis e “não saboreadas” nos principais veículos de comunicação, em suas palavras, “por grande parte dos construtores dessa comunicação e dos leitores”, ao apresentar ao público “fatos interessantes” até então despercebidos (PAPOCOM, 2021). Já o Cidadão Cultura, segundo Marimon, surge como resposta e alternativa à falta de liberdade enfrentada por ela e demais colaboradores em outros veículos locais. Em suas palavras, a ideia foi possibilitar a existência de um “lugar múltiplo, amplo e diverso” para abrigar *narrativas* e *vozes* que, na maioria das vezes, “não conseguem inserção nas mídias tradicionais” (PAPOCOM, 2021). Especificamente no jornalismo cultural, Silva e Golin (2015) destacam a perspectiva de Bourdieu sobre produção cultural como o resultado de um amplo jogo e empreendimento social. “Esse processo implica uma lógica de luta, de disputa pela hegemonia da consagração. No caso da cultura, tal estratégia favorece a distinção, funcionando como instrumento de clivagem entre sujeitos ou grupos. Consideramos o jornalismo um agente significativo nesta disputa” (SILVA; GOLIN, 2015, p. 23). Nessa correlação de forças, identifica-se um enfoque no jornalismo cultural que “se volta, exageradamente, para os produtos culturais, menosprezando os processos culturais” (CUNHA; TEIXEIRA, MAGALHÃES, 2002, p. 10). Por outro lado, como vimos nos discursos dos comunicadores mato-grossenses, Salvador Faro (2006, p. 149) relativiza o jornalismo cultural como uma prática estruturada apenas por variáveis externas e o considera uma “instância de categorias valorativas e históricas negociadas entre sujeitos que a produzem” (KELLNER, 2001 apud FARO, 2006, p. 55). Nesse contexto, Marimon aponta um deslocamento importante de ser citado: o das produções mais especializadas em cultura – como a crítica cultural e o jornalismo literário, citados por ela – para os veículos “alternativos” e/ou “independentes” no jornalismo online. Nesse ponto, além das discussões sobre o jornalismo cultural enquanto segmento, abarcamos as reflexões sobre jornalismo e jornalistas das periferias. Na busca por compreender distintas modulações e apropriações do conceito de periferia, Tiaraju D’Andrea (2020, p. 35) ressalta o surgimento de uma “consciência periférica calcada na experiência urbana de vivência local e de percepção de desigualdade entre distintos

territórios da cidade”, consciência esta que tem como principais divulgadores os coletivos artísticos e culturais a partir da década de 1990. Para o autor, dentre os indutores da movimentação periférica que podem ser relacionados às experiências de Costa e Marimon estão: afirmação de pertencimento, em ambos, e sobrevivência material alternativa ao trabalho capitalista, no caso desta última. Ambos os comunicadores possuem experiência e formação superior nas áreas do jornalismo e das linguagens, e se apropriam das tecnologias para divulgação de seus territórios de origem e formação. Na mesma perspectiva, Mara Rovida (2020) indica periferia como um território de pertencimento em que os indivíduos se relacionam em uma lógica pautada pela ideia de pedaço<sup>7</sup> e identifica em jornalistas das periferias uma postura engajada que reflete sobre seus fazeres comunicacionais, entendendo as periferias como potencialidades a serem narradas em suas produções que se configuram em “arranjos alternativos” de mídia. Portanto, a discussão sobre o jornalismo das periferias nos é válida não só para a compreensão da localização periférica do Zakinews e Cidadão Cultura em Cáceres e Cuiabá – principalmente com relação a acesso, produção e consumo de bens culturais –, mas do modo como os territórios formam o posicionamento preferencial na cobertura jornalística de ambos. Considerando as intenções declaradas por seus produtores, este pode ser considerado outro ponto em comum entre as iniciativas. Concluindo, entendemos que tais iniciativas demonstram processos de territorialização, mas também de reterritorialização no jornalismo cultural, como no Cidadão Cultura, com seu viés crítico e sua busca por visibilizar a produção de território periférico frente ao enquadramento na imprensa hegemônica nacional, ainda que a cobertura pareça limitada à cultura enquanto manifestações de arte em linguagens já consagradas<sup>8</sup>. O Zakinews, por sua vez, parece cristalizar uma determinada “cultura cacerense” que não se atualiza, demonstrando, por outro lado, um esforço em direção ao potencial da comunicação como produção de memória popular. As iniciativas mato-grossenses, complementares, demonstram uma diversidade de perspectivas para o jornalismo cultural local no âmbito das territorialidades, contemplando diferentes dimensões do conceito de cultura, das mais amplas às mais restritas, contrapondo limitações da produção hegemônica ou ocupando brechas deixadas por ela.

---

<sup>7</sup> Definido como uma “particular rede de relações que combina laços de parentesco, vizinhança, procedência” (MAGNANI, 1998, p. 115 apud ROVIDA, 2020, p. 6).

<sup>8</sup> Não é possível, no entanto, falar em restrições territoriais na cobertura, nem de uma não exploração do viés antropológico do jornalismo cultural apenas pelos discursos da jornalista, sem uma análise do conteúdo do portal.

**PALAVRAS-CHAVE:** comunicação; territorialidades; jornalismo cultural; jornalismo online.

## REFERÊNCIAS

CUNHA, Leonardo; FERREIRA, Nísio Antônio Teixeira; MAGALHÃES, Luís. **Dilemas do jornalismo cultural brasileiro**. Covilhã: Bocc-UBI, 2002. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cunha-ferreira-magalhaes-dilemas-do-jornalismo.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2021.

D'ÁNDREA, Tiarajú Pablo. Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos. **Novos Estudos Cebrap**, v. 39, n. 1, jan. abr. 2020, p. 18-36.

FARO, José Salvador. Nem tudo que reluz é ouro: contribuição para uma reflexão teórica sobre o jornalismo cultural. **Comunicação & Sociedade**, v. 28, n. 46, p. 143-163, 2006.

FIRMINO, Rodrigo; DUARTE, Fábio. Cidade infiltrada, espaço ampliado: as tecnologias de informação e comunicação e as representações das especialidades contemporâneas. **Arquitextos** (São Paulo. Online), v. 96, 2008. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/index.php/revistas/read/arquitextos/08.096/3408>. Acesso em: 30 jun. 2021.

PAPOCOM #45: **Comunicação e Territorialidades (Centro-Oeste)**. Entrevistados: Gilmar Galache (Ascuri-MS e Etnia Terena), Mylena Fraiha (Revista Badaró), João Negrão (Expresso 61), Marianna Marimon (Portal Cidadão Cultura), Antonio Costa (Zaki News-MT) e Geremias dos Santos (Abrço). Mediadora: Tamires Coêlho. Brasil: Spotify, 1 de jun. de 2021. Podcast. Disponível em: [https://open.spotify.com/episode/20358dKECjwFjog0Pl6tf0?si=kILY28b2RNqJwihlfM3-ng&dl\\_branch=1](https://open.spotify.com/episode/20358dKECjwFjog0Pl6tf0?si=kILY28b2RNqJwihlfM3-ng&dl_branch=1). Acesso em: 16/06/2021.

ROVIDA, Mara. Jornalismo das periferias. **Revista FAMECOS**, v. 27, p. e37004-e37004, 2020.

SILVA, Luciano Alfonso da; GOLIN, Cida. Jornalismo cultural: perspectivas sobre mediação e ethos profissional a partir de entrevistas com jornalistas. **Mídia e Cotidiano**: revista do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano. Niterói, RJ: UFF. Vol. 7, n. 7 (nov. 2015), p. 20-32.

ZANETTI, Daniela; REIS, Ruth. Comunicação e territorialidades: em torno do poder e da cultura. In: ZANETTI, Daniela; REIS, Ruth. **Comunicação e territorialidades**: Poder e Cultura, Redes e Mídias. Vitória: EDUFES, 2017, p. 10-21.